UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE (CCBS)
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA (DBI)

RONNIERE JOSÉ SANTOS SILVA

EVIDÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO ESPAÇO ESCOLAR: uma análise a partir da autocrítica sobre o corpo em alunos do 9 ano, numa escola pública de Capela, Se.

SÃO CRISTÓVÃO
2023

RONNIERE JOSÉ SANTOS SILVA

EVIDÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO ESPAÇO ESCOLAR: uma análise a partir da autocrítica sobre o corpo em alunos do 9 ano, numa escola pública de Capela, Se.

Trabalho apresentado à Coordenação do curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Biologia.

Orientadora: Profa. Dra. Yzila Liziane Farias Maia de Araujo.

SÃO CRISTÓVÃO

2023

ATA DE APROVAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho discutiu sobre os impactos da autocrítica em relação ao corpo e ao estado socioemocional em alunos do o 9º ano do Ensino Fundamental do Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo, no município de Capela-SE. Esse estudo trouxe como objetivo geral identificar qual a percepção desses alunos sobre seus corpos e os impactos sobre suas condições socioemocionais, além dos específicos, foram identificar as relações socioemocionais entre alunos acima do peso e a comunidade escolar, investigar onde esses estudantes se encontram numa escala de bem-estar e mensurar a quantidade de indivíduos que se identificam como acima do peso. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, foram aplicadas para a coleta de dados, questionários e palestra interventiva com o intuito de promover a sensibilização acerca dos cuidados contra casos de depressão advindos da insatisfação com a imagem corporal. Os resultados evidenciam que a maioria dos participantes da pesquisa se encontra em intervalos de qualidade de vida ótima e revelam satisfação em relação à sua imagem corporal, todavia os índices de insatisfação corporal são consideráveis e demanda atenção da comunidade escolar.

Palavras-chave: Autoconhecimento. BNCC. Corpo. Padrões estéticos. Saúde.

ABSTRACT

The present work discussed the impacts of self-criticism in relation to the body and socio-emotional state in students in the 9th year of Elementary School at the Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo, in the municipality of Capela-SE. This study had the general objective of identifying the perception of these students about their bodies and the impacts on their socio-emotional conditions, in addition to the specific ones, they were to identify the socio-emotional relationships between overweight students and the school community, investigate where these students are in a well-being scale and measure the number of individuals who identify themselves as overweight. Through a qualitative-quantitative approach, questionnaires and an interventional lecture were applied to collect data with the aim of promoting awareness about care against cases of depression arising from dissatisfaction with body image. The results show that the majority of research participants have excellent quality of life and are satisfied with their body image, however, body dissatisfaction rates are considerable and demand attention from the school community.

KEYWORDS: Self knowledge. BNCC. Body. Aesthetic standards. Health.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
QUESTÃO NORTEADORA 8
OBJETIVO GERAL 8
OBJETIVOS ESPECÍFICOS 8
JUSTIFICATIVA 8
APROFUNDANDO OS CONCEITOS DA PESQUISA 9
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 13
RESULTADOS E DISCUSSÃO 16
CONSIDERAÇÕES FINAIS 23
REFERÊNCIAS 23
APÊNDICES 27

INTRODUÇÃO

A autocrítica sobre o corpo e a insatisfação com a imagem corporal são questões preocupantes que afetam significativamente a saúde mental e o bem-estar dos adolescentes. Nos últimos anos, a sociedade tem sido cada vez mais influenciada por padrões de beleza irreais e idealizados, transmitidos pela mídia e pelas redes sociais, o que tem contribuído para um aumento da pressão sobre os jovens para se conformarem a esses ideais inatingíveis. Como resultado, muitos adolescentes desenvolvem uma autocrítica intensa em relação ao seu corpo e uma insatisfação persistente com a sua aparência física.

A adolescência é uma fase crucial de transição, na qual ocorrem mudanças físicas e psicossociais significativas. Durante esse período, os adolescentes estão em busca de sua identidade e enfrentam desafios relacionados à autoestima e à aceitação social. A imagem corporal desempenha um papel central nesse processo, pois os jovens estão constantemente avaliando e comparando sua aparência com os padrões culturais estabelecidos.

A mídia desempenha um papel importante na formação da percepção da imagem corporal dessa faixa-etária, apresentando corpos “perfeitos” e propagando a ideia de que a beleza está ligada à felicidade e ao sucesso. Essa exposição constante a imagens idealizadas pode levar os adolescentes a se sentirem inadequados e insatisfeitos com seus próprios corpos. Além disso, as interações sociais, tanto offline quanto online, também desempenham um papel crucial na perpetuação dessa insatisfação. Comentários negativos, julgamentos e comparações entre pares podem contribuir para uma autocrítica exacerbada e um sentimento de inadequação.

A insatisfação com a imagem corporal na adolescência pode estar associada a uma série de consequências negativas, incluindo baixa autoestima, ansiedade, depressão, transtornos alimentares e comportamentos de risco, como dietas extremas e uso de substâncias. Portanto, compreender os fatores subjacentes a essa autocrítica e insatisfação corporal é essencial para desenvolver estratégias de prevenção e intervenção apropriadas.

Diante desse contexto, é fundamental explorar e examinar a autocrítica sobre o corpo e a insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. Através de pesquisas científicas e estudos aprofundados, podemos buscar uma compreensão mais abrangente desses fenômenos, identificando os principais fatores envolvidos e delineando intervenções eficazes. Ao promover uma imagem corporal saudável e positiva entre os adolescentes, podemos contribuir para o desenvolvimento de uma geração resiliente, autoconfiante e satisfeita com sua própria aparência física.

Os adolescentes enfrentam a necessidade de gerenciar seu tempo e estabelecer limites saudáveis em relação ao uso das redes sociais, bem como desenvolver habilidades de

pensamento crítico para discernir informações confiáveis e lidar com o cyberbullying. É fundamental que os adultos estejam atentos e forneçam orientação e apoio adequados, ajudando os jovens a navegar nesse cenário digital complexo.

No tocante ao espaço escolar e às ações pedagógicas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) norteia as práticas educacionais no Brasil, fornecendo diretrizes para o ensino em todas as etapas da Educação Básica. No caso específico do 9º ano, a BNCC estabelece objetivos de aprendizagem relacionados aos conteúdos que lidam com o corpo, gênero e sexualidade no ensino de Ciências.

A introdução sobre a biologia da adolescência para este nível de ensino, apresenta uma base sólida para abordar esses conteúdos, uma vez que destaca as transformações físicas que ocorrem durante a adolescência e as mudanças relacionadas à identidade social e emocional. Essa abordagem alinha-se com as orientações da BNCC, que defende uma educação que promova o desenvolvimento integral dos alunos, abordando questões relacionadas ao corpo, gênero e sexualidade de forma inclusiva e respeitosa.

Ao abordar esses conteúdos, é importante seguir as diretrizes deste documento normativo destacando a importância do respeito à diversidade, da promoção de uma educação livre de preconceitos e da valorização dos direitos humanos. Dessa forma, os educadores podem explorar os temas do corpo, gênero e sexualidade, utilizando recursos pedagógicos adequados, promovendo a participação ativa dos alunos e criando um ambiente inclusivo que favoreça a construção de conhecimento e o desenvolvimento da autonomia e da cidadania dos estudantes.

Paralelamente às competências gerais estabelecidas pela BNCC, observa-se a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais dos nossos alunos. Essas competências incluem habilidades relacionadas à consciência emocional, autogerenciamento, empatia, habilidades sociais e tomada de decisões responsáveis. Ao promover a inclusão dessas competências na grade curricular, a BNCC reconhece que o desenvolvimento socioemocional é essencial para a formação de indivíduos saudáveis e preparados para enfrentar os desafios da vida.

A integração das competências socioemocionais no currículo escolar pode contribuir para a formação de jovens mais confiantes, resilientes e capazes de lidar com as pressões sociais e as expectativas relacionadas à imagem corporal. Ao desenvolver habilidades emocionais, como a autoestima, a autorregulação e a empatia, os adolescentes podem construir uma relação mais saudável com seus corpos e enfrentar os desafios da autocrítica corporal e insatisfação com a imagem corporal com maior equilíbrio e bem-estar.

Nesse contexto, a prática da autocrítica pode ajudar os alunos a desenvolverem uma perspectiva crítica em relação às informações e interações nas redes sociais e na vida real. Ao questionar e refletir sobre o conteúdo que consomem online, os adolescentes podem desenvolver maior discernimento e proteger sua saúde mental, evitando comparações prejudiciais e se concentrando em suas próprias metas e valores.

QUESTÃO NORTEADORA

Como a autocrítica sobre os corpos impacta o desenvolvimento socioemocional dos alunos do 9º ano de uma escola pública do município de Capela-SE?

OBJETIVO GERAL

Identificar a percepção dos alunos sobre seus corpos no ambiente escolar e como isso afeta o seu desenvolvimento socioemocional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as relações socioemocionais entre alunos acima do peso e a comunidade escolar;
- Demonstrar onde esses estudantes se encontram numa escala de bem-estar dentro da escola;
- Mensurar a quantidade de indivíduos na comunidade escolar que se identificam como acima do peso.

JUSTIFICATIVA

A escolha dessa temática de estudo é baseada na alta taxa de casos de insatisfação com o corpo e de depressão entre adolescentes e da possível relação com as mudanças corporais e socioemocionais advindas dessa fase de desenvolvimento, fase essa onde eles constroem suas identidades pessoal e social (Lemes *et al*, 2018). Ademais, de acordo com a BNCC, o intervalo de ensino entre o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental é onde são abordados temas relacionados à puberdade (EF08CI08), mudanças no corpo, as múltiplas dimensões da sexualidade humana (EF08CI11) e promoção de saúde e bem-estar socioemocional.

Ainda, segundo Steiner (2004) em sua teoria dos setênios, dos 7 aos 14 anos de idade os indivíduos experienciam o despertar pontual de emoções e desenvolvem noções de pertencimento, já entre 14 e 21 anos é o período em que ocorrem as crises identitárias, então, aos 14 anos – idade esperada para alunos do 9º ano do EF – é quando ocorre a passagem de um

setênio para outro, fase essa de mudanças. Em virtude disso, indivíduos nesse ano escolar são os que melhor preenchem os requisitos para a aplicação dessa pesquisa, possibilitando uma amostragem mais próxima da realidade.

APROFUNDANDO OS CONCEITOS DA PESQUISA

Capítulo 1: O ser adolescente atualmente: comportamentos, desafios e influências digitais.

A adolescência é uma fase caracterizada por mudanças significativas tanto no âmbito biológico quanto no psicossocial. Durante esse período, ocorrem transformações hormonais que desencadeiam o desenvolvimento dos órgãos sexuais e o aparecimento dos caracteres sexuais secundários. Essas mudanças são reguladas principalmente pela ação da testosterona nos meninos e dos estrogênios nas meninas (Lopes; Fernandes, 2017).

O crescimento rápido, a aquisição de massa muscular e as mudanças na composição corporal também são aspectos marcantes da biologia da adolescência, moldando a aparência física e a autoimagem dos jovens (Ramos; Assis, 2019). Atualmente, os adolescentes estão inseridos em um contexto digital altamente interconectado, no qual as plataformas de mídia social desempenham um papel central na formação da identidade (Prado, 2021).

O uso frequente das redes sociais é muitas vezes guiado pela busca por validação social e autoafirmação, permitindo a expressão da individualidade, mas também expondo os adolescentes a normas e padrões estéticos que podem influenciar a construção de suas identidades virtuais (Leme, 2019).

As mudanças fisiológicas da adolescência interagem de forma complexa com o desenvolvimento social dos jovens. A busca por uma identidade própria e a necessidade de pertencer a grupos sociais influenciam as interações sociais nessa fase (Gouveia *et al*, 2018). A biologia da adolescência contribui para a intensificação das relações de amizade, o desejo de ser aceito pelos pares e a experimentação de novas experiências sociais, como namoros e relacionamentos românticos (Ferreira *et al*, 2020).

Além das mudanças fisiológicas e das interações sociais, a adolescência também é marcada pela maturação cognitiva. Os processos de desenvolvimento cerebral, como a poda sináptica e a mielinização, afetam as funções cognitivas, incluindo a tomada de decisões e o controle de impulsos (Steinberg, 2005). Essas mudanças na biologia cerebral dos adolescentes têm implicações diretas no comportamento, influenciando a forma como eles avaliam riscos, consideram consequências e lidam com situações complexas (Lima *et al*, 2019).

O advento da era digital trouxe desafios emocionais e relacionais únicos para os adolescentes. A constante exposição a conteúdos nas redes sociais pode levar a comparações sociais prejudiciais e contribuir para a perpetuação de sentimentos de inadequação e ansiedade (Koller; Barros, 2020). Além disso, o fenômeno do cyberbullying, caracterizado por agressões virtuais entre pares, pode ter efeitos profundos na saúde mental dos adolescentes, afetando negativamente sua autoestima e bem-estar emocional.

A relação entre a influência digital e a saúde mental dos adolescentes merece destaque. A exposição constante a padrões de beleza irrealistas e à cultura de compartilhamento nas mídias sociais pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos alimentares, ansiedade e depressão entre os jovens (Ferreira, 2018). A importância da prevenção é clara, com a necessidade de fortalecer as competências socioemocionais dos adolescentes para ajudá-los a lidar de forma mais saudável com os impactos negativos das influências digitais.

A compreensão da biologia da adolescência é crucial para orientar estratégias de promoção de saúde mental e práticas educacionais adequadas. As mudanças hormonais e as transformações no sistema nervoso podem tornar os adolescentes mais vulneráveis a distúrbios emocionais e comportamentais, como a depressão e a ansiedade (Costa *et al*, 2018). Portanto, considerar os aspectos biológicos ao desenvolver programas de apoio psicossocial e educacionais é fundamental para atender às necessidades específicas dessa fase de desenvolvimento.

A educação desempenha um papel fundamental na formação de adolescentes conscientes e críticos em relação às influências digitais. Estratégias de intervenção podem incluir a promoção da literacia digital, capacitando os adolescentes a avaliar de maneira crítica as informações online e a gerenciar seu tempo de exposição digital (Pereira; Carvalho, 2019). Além disso, a inclusão de competências socioemocionais no currículo escolar pode fortalecer a resiliência dos adolescentes diante dos desafios do mundo digital.

Capítulo 2: A escola como espaço de desenvolvimento de competências socioemocionais.

Durante os anos escolares, período que abrange uma significativa etapa da adolescência, os jovens são expostos a uma ampla gama de influências presentes no ambiente educacional que podem exercer um impacto substancial sobre sua autopercepção corporal. O contexto social da escola, permeado pela interação com colegas e professores, bem como pela exposição a normas culturais e representações ideais de beleza difundidas pelos meios de comunicação, desempenha um papel fundamental na forma como os adolescentes percebem e avaliam seus próprios corpos. Essas influências podem afetar a maneira como os adolescentes desenvolvem

suas identidades e constroem sua autoimagem, podendo ter implicações significativas na sua saúde mental e bem-estar (Leme, 2019; Gouveia *et al*, 2018; Prado, 2021).

A eficiência do ensino nas escolas, geralmente, é focada na obtenção de notas altas pelos estudantes, deixando de lado os outros aspectos que envolvem o desenvolvimento escolar. De acordo com Murillo (2005), uma escola é considerada eficiente quando alcança o desenvolvimento holístico máximo de cada um dos seus estudantes, especialmente quando esse desenvolvimento é maior do que o esperado considerando o desempenho prévio do aluno e/ou a situação social, econômica e cultural de sua família.

Estudos sobre o tema do peso corporal em adolescentes têm mostrado uma série de resultados e considerações importantes. Pesquisas têm destacado a preocupação crescente com a prevalência do sobrepeso e da obesidade nessa faixa etária, o que pode ter implicações significativas para a saúde física e mental dos adolescentes.

De acordo com uma pesquisa realizada por Santos *et al* (2019), a obesidade entre adolescentes brasileiros tem aumentado nos últimos anos, sendo influenciada por fatores genéticos, ambientais e comportamentais. Uma pesquisa conduzida por Silva *et al* (2020) examinou a relação entre a percepção do peso, a imagem corporal e a autoestima de adolescentes. Os resultados indicaram que a insatisfação com a imagem corporal estava significativamente associada a níveis mais baixos de autoestima, destacando a importância de abordagens psicossociais na promoção da saúde mental desses jovens.

As pressões sociais também desempenham um papel crucial na percepção do peso corporal entre os adolescentes brasileiros. Estudos como o de Oliveira *et al* (2018) analisaram a influência dos pares e dos padrões estéticos veiculados pela mídia na autopercepção do peso. Os resultados revelaram que adolescentes mais expostos a imagens corporais idealizadas nas redes sociais eram mais propensos a desenvolver insatisfação com sua própria aparência física.

A definição de estar acima do peso pode variar dependendo dos critérios adotados. Em geral, é comumente utilizado o Índice de Massa Corporal (IMC), que é calculado dividindo-se o peso em quilogramas pela altura em metros ao quadrado. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), um IMC entre 25 e 29,9 é classificado como sobrepeso, enquanto um IMC igual ou superior a 30 é classificado como obesidade.

Um estudo conduzido por Neumark-Sztainer *et al* (2011) examinou a relação entre a insatisfação corporal e o peso real em adolescentes. Os resultados indicaram que tanto os adolescentes com sobrepeso quanto os com peso normal poderiam apresentar insatisfação com a imagem corporal. A pesquisa também evidenciou que a insatisfação com a imagem corporal

em adolescentes estava associada a comportamentos inadequados de controle de peso, como dietas restritivas e uso de medidas extremas para emagrecer.

Outro estudo realizado por McCabe *et al* (2001) investigou a relação entre a percepção do peso corporal e o bem-estar psicológico em adolescentes. Os resultados sugeriram que os adolescentes que se percebiam como acima do peso, independentemente do seu IMC real, tinham maior probabilidade de relatar baixa autoestima, sintomas de depressão e comportamentos alimentares desordenados.

Esses estudos ressaltam que a definição de estar acima do peso nem sempre está diretamente relacionada ao IMC, mas também à percepção subjetiva do peso corporal. A insatisfação com a imagem corporal em adolescentes, mesmo em casos de peso normal ou sobrepeso leve, pode levar a consequências negativas para a saúde mental e o bem-estar geral. Portanto, é importante considerar não apenas os fatores físicos, mas também os aspectos psicossociais envolvidos na relação entre o peso corporal e a autopercepção dos adolescentes.

Fernandes (2019), em seu trabalho sobre os impactos das mídias sociais sobre a insatisfação com seu próprio corpo e os riscos do surgimento de transtornos alimentares, discorre que quanto mais tempo se despende navegando na internet, mais dependente o sujeito se torna e isso pode se tornar patológico. Ademais, em consequência do investimento de tempo online, passa-se menos tempo em interações afetivas presenciais.

O contraste entre o que é visto nas redes sociais e a própria realidade, de acordo com Prichard (2018), impacta negativamente a imagem corporal, gerando distúrbios alimentares pela insatisfação corporal e depressão. Ao tomarem o que é apresentado nesses meios de comunicação como referência, o indivíduo projeta em si mesmo esses modelos e quando não consegue o resultado esperado acaba se frustrando. Lemes *et al* (2018), relatam em seu estudo que o corpo é visto e experienciado pelos adolescentes em, pelo menos, duas perspectivas diferentes: a primeira relacionada com as muitas mudanças que ocorrem dentro das esferas cognitiva, afetiva e social; e a segunda está baseada nos padrões estéticos impostos pela mídia e que são socialmente aceitos.

Segundo Ribeiro *et al* (2007, p. 418), a "depressão é caracterizada como um transtorno de humor, porém ela abrange fatores cognitivos, comportamentais, fisiológicos, sociais e religiosos, entre outros", além do que a sintomatologia pode se apresentar de forma diferente dependendo da pessoa acometida. Dell'Aglio e Hutz (2004), discorrem que a depressão sofre influência de variáveis psicológicas, biológicas e sociais e isso se reflete em números, onde os casos de depressão em crianças varia entre 0,4 e 3,0% e em adolescentes varia entre 3,3 e 12,4% e que essa ocorrência é mais de 2% maior em meninas (Bahls, 2002).

Segundo Gouveia (2009), a depressão compromete capacidades básicas como pensar e executar tarefas, além de levar à diminuição no engajamento e ao isolamento. Logo, faz-se necessária uma maior atenção às condições psicológicas das pessoas, em especial dos discentes, não apenas para que seu desempenho escolar melhore, mas para que eles possam ter uma melhor qualidade de vida e possam se enxergar como indivíduos com o mesmo valor, direitos e deveres que qualquer outro e que tenham seu desenvolvimento escolar pleno assegurado.

Ao serem contemplados esses aspectos, a qualidade do ensino e a forma como este é aplicado, juntamente com a maneira como o ambiente escolar é percebido pelos sujeitos que o compõe – em evidência os discentes - constituem ferramentas de crucial importância para que o estudante se sinta acolhido e estimulado a participar do processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, o ensino tradicional, em que o professor é apresentado como o detentor do conhecimento e os alunos apenas receptores, e os conhecimentos adquiridos e trazidos de fora desse ambiente não são válidos (Moita; Queiroz, 2007), por conseguinte não dispõe das ferramentas necessárias para tratar de temas como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, trabalho e consumo, saúde e orientação sexual, presentes no dia a dia de todo aluno.

Como auxiliares nesse processo, a utilização do ensino integral, transversal e interdisciplinar tem se mostrado de fundamental importância durante o desenvolvimento estudantil e na integração dos discentes em relação aos problemas presentes na comunidade em que vivem e em escalas maiores, como também na criação e sugestão de soluções para eles, corroborando com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e (Nóbrega; Correia, 2021). Ainda segundo os autores:

> Desse modo, trabalhar com os temas transversais, [...] permite flexibilizar o currículo, desenvolver um ensino voltado para o contexto histórico-social dos educandos e suas inter-relações possibilita as aprendizagens essenciais e a formação integral. Logo, a intenção é que os conteúdos científicos não sejam vistos de forma fragmentada nem seriada, proporcionando maior aplicabilidade nas vidas dos alunos, em busca de reforçar seus saberes, culturas e atitudes. (Nóbrega; Correia, 2021, p. 4)

De acordo com Nicola e Paniz (2016), a utilização dos mesmos e limitados recursos como quadro e giz desestimula os estudantes a participarem mais das aulas e as torna menos dinâmicas e atrativas. Para (Sousa, 2007, p. 110), "[...] é possível a utilização de vários materiais que auxiliem a desenvolver o processo de ensino e de aprendizagem, isso faz com que facilite a relação professor-aluno-conhecimento".

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Natureza da pesquisa

Essa é uma pesquisa quali-quantitativa e sua importância reside na capacidade de fornecer resultados precisos e confiáveis, permitindo a obtenção de dados quantificáveis que podem ser analisados estatisticamente. Logo, pretende-se identificar padrões, tendências e relações de causa e efeito entre variáveis, contribuindo para a compreensão dos fenômenos nesse estudo, a partir de técnicas de amostragem adequadas.

De acordo com Creswell (2014), a pesquisa quantitativa é particularmente útil quando se deseja analisar relações causais e generalizar os resultados para uma população maior. Ela é frequentemente utilizada em estudos experimentais, surveys e levantamentos estatísticos, onde os dados são coletados por meio de questionários, testes padronizados, observações sistemáticas ou análise de registros existentes.

Em corroboração, a partir da pesquisa exploratória visa-se explorar e familiarizar-se com um determinado tema, problema ou fenômeno, com o objetivo de obter insights iniciais, gerar hipóteses e direcionar estudos mais aprofundados.

Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória é fundamental no processo de construção do conhecimento científico, pois proporciona uma base sólida para a formulação de problemas de pesquisa e a definição de objetivos mais precisos. Conforme destacado por Neuman (2014), a pesquisa exploratória é um estágio essencial no processo de pesquisa, auxiliando na formulação de questões mais precisas e na seleção de abordagens adequadas para investigação futura.

Universo da pesquisa

O Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo é localizado na Rua Temístocles Salomão na área urbana da cidade de Capela. Está situado entre o centro comercial do município e a zona residencial. É a maior instituição de ensino público do município, segundo dados da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura, e no ano de 2022 contou com um total de matrículas de alunos de 641, que residem tanto no centro quanto nos povoados, entre Anos Finais, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio, apresentando uma grande representatividade da comunidade estudantil. Além disso, no ano de 2023 o colégio incluiu o Ensino em Tempo Integral à sua grade estudantil.

Participantes

A pesquisa foi realizada com a participação dos alunos do 9º ano do EF do Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo, sendo representado por duas turmas (9º ano A e 9º ano B),

totalizando 62 alunos, após a obtenção do assentimento assinado pelos pais ou responsáveis e aprovação pelo comitê de ética da Universidade Federal de Sergipe. De acordo com as Diretrizes Operacionais para a implementação do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, a matrícula de crianças na escola deve ser aos 6 anos de idade, logo, foi esperado que os alunos do 9º ano do EF dessa instituição tivessem 14 anos de idade.

Os alunos do 9º ano do ensino fundamental são geralmente adolescentes com idades entre 14 e 15 anos. Nessa fase, eles estão em uma transição importante entre a infância e a adolescência, passando por transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais significativas. Características comuns nessa etapa incluem maior autonomia e independência, busca por identidade, desenvolvimento do pensamento abstrato, curiosidade em relação ao mundo ao seu redor, necessidade de pertencimento a grupos sociais e maior capacidade de reflexão crítica. Esses alunos estão em uma fase de transição para o ensino médio, o que implica em desafios relacionados à escolha de carreira, desenvolvimento de habilidades acadêmicas mais complexas e preparação para os exames vestibulares. É importante considerar a diversidade presente nesse grupo, levando em conta as diferenças individuais, culturais e socioeconômicas que podem influenciar suas características e necessidades específicas.

Instrumentos da pesquisa

A aplicação de questionários desempenha um papel crucial na condução de pesquisas, oferecendo uma maneira eficiente de coletar dados quantitativos ou qualitativos. Os questionários permitem obter informações diretas dos participantes, possibilitando a mensuração de variáveis, a identificação de opiniões, atitudes e comportamentos, e a obtenção de percepções e experiências pessoais (Hair Jr. *et al*, 2019). Além disso, estes instrumentos oferecem vantagens como a capacidade de coletar dados de forma padronizada e objetiva, facilitando a comparação e análise estatística dos resultados (Dillman *et al*, 2014).

Através dos questionários, os pesquisadores podem alcançar muitos participantes em um curto período, tornando-os especialmente úteis em estudos com amostras representativas (Fowler Jr, 2013). No entanto, é fundamental elaborar questionários de forma cuidadosa, garantindo a clareza das perguntas, a adequação ao público-alvo e a confiabilidade e validade dos dados coletados (Devellis, 2017).

Para a obtenção dos dados iniciais dessa pesquisa quantitativa, foi aplicado um questionário constando 10 (dez) perguntas, baseado no World Health Quality of Life versão abreviada em português (WHOQOL-BREF) e no Body Shape Questionnaire - BSQ, e foi

aplicado aos alunos presentes que aceitaram participar da pesquisa e que tiveram seus termos de assentimento assinados pelos pais ou responsáveis.

O módulo WHOQOL-BREF é constituído de 26 perguntas (sendo a pergunta número 1 e 2 sobre a qualidade de vida geral), as respostas seguem uma escala de Likert (de 1 a 5, quanto maior a pontuação melhor a qualidade de vida). Fora essas duas questões (1 e 2), o instrumento tem 24 facetas as quais compõem 4 domínios que são: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente.

Em contribuição, o BSQ (Cooper *et al*, 1987), conforme versão traduzida para o português por Cordás e Castilho (1994), contém 34 questões concernentes à satisfação corporal, cujos resultados com pontuação menor que 80 é considerada sem insatisfação; entre 80 e 110, insatisfação leve; entre 111 e 140, insatisfação moderada; e maior que 140, insatisfação grave.

Ambas as versões, contribuíram para a presente pesquisa por buscarem representar como os indivíduos que responderam às suas perguntas percebem seus corpos – se estão satisfeitos ou não com eles - e os efeitos disso em sua qualidade de vida.

Tratamento dos dados

O questionário foi analisado da seguinte forma: as primeiras cinco perguntas (Qualidade de vida) foram analisadas separadamente das cinco últimas (Imagem corporal) a resposta para cada pergunta gerou uma pontuação de 1 a 5, a pontuação mínima geral é de 5 pontos e a máxima de 25 pontos. Foram considerados os seguintes intervalos de pontuação: de 5 a 9, de 10 a 14, de 15 a 19 e de 20 a 25, totalizando quatro categorias. As categorias referentes à qualidade de vida foram: *Baixa qualidade, Média qualidade, Boa qualidade e Alta qualidade*, nesse caso, quanto mais alta a pontuação melhor a qualidade de vida. As categorias referentes à imagem corporal foram *Satisfação, Insatisfação leve, Insatisfação moderada, Insatisfação grave*, aqui, quanto menor a pontuação mais positiva é a percepção que o participante teve sobre sua imagem corporal. Os resultados coletados dos questionários foram tabulados no programa Excel 2010 e examinados através de análise quantitativa, utilizando o teste qui-quadrado de Pearson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Palestra Interventiva

No dia ensolarado de 6 de junho, o Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo, localizado na acolhedora cidade de Capela, em Sergipe, abriu suas portas para uma palestra interventiva de extrema relevância. Estudantes, professores e membros da comunidade se

reuniram no auditório, ansiosos para adquirir conhecimentos valiosos sobre um tema crucial: "Depressão: Sintomas e Como Lidar".

O evento começou com uma atmosfera de expectativa, conforme os convidados se acomodavam em suas cadeiras. O palestrante, Francis Anderson de Lima, psicólogo clínico, subiu ao palco com um sorriso caloroso, imediatamente conquistando a atenção da plateia. Com um tom de voz suave, ele compartilhou histórias emocionais e estatísticas impactantes que lançaram luz sobre a realidade da depressão e seus efeitos na vida cotidiana.

O sr. Lima descreveu de forma detalhada os sintomas comuns da depressão, desde a sensação de tristeza persistente até a perda de interesse em atividades antes prazerosas. Ele usou metáforas cativantes para explicar como essa condição pode envolver os sentimentos de isolamento, como estar preso em uma sala escura sem uma saída aparente. A plateia estava visivelmente envolvida, muitos assentindo com compreensão à medida que os sinais eram explicados.

O palestrante não apenas abordou os aspectos negativos da depressão, mas também ofereceu uma mensagem de esperança e recursos para lidar com essa condição. Ele introduziu estratégias de autocuidado, como a importância de manter uma rotina saudável, buscar apoio social e praticar a expressão emocional. Também, enfatizou a necessidade de derrubar o estigma sobre a busca por ajuda profissional, enfatizando que pedir ajuda não é sinal de fraqueza, mas sim de força.

Durante a palestra, o Sr. Lima conduziu exercícios interativos que envolveram a plateia. Ele fez com que os participantes refletissem sobre suas próprias experiências e compartilhassem insights uns com os outros, criando um ambiente de empatia e conexão. Ao final da apresentação, houve uma sessão de perguntas e respostas, onde os alunos e professores puderam esclarecer suas dúvidas diretamente com o palestrante.

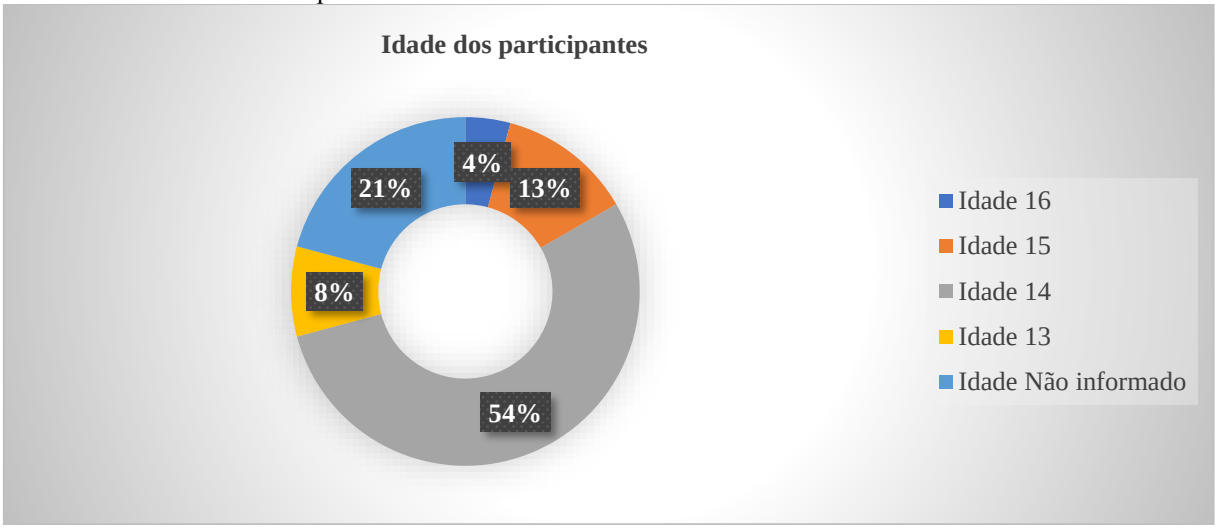
A palestra interventiva sobre depressão no Centro de Excelência Edélzio Vieira de Melo deixou uma impressão duradoura na comunidade. Os participantes saíram do evento não apenas com um entendimento mais profundo sobre a depressão, mas também com uma sensação renovada de solidariedade e uma abordagem mais compassiva em relação aos desafios mentais. A iniciativa do colégio em promover esse evento revelou-se um passo valioso para criar conscientização e oferecer suporte emocional a todos os presentes.

Do Questionário

Dos 62 alunos matriculados nas turmas A e B do 9º ano do CEEDV, apenas 24 apresentaram o termo de assentimento assinado pelo seu responsável legal e concordaram em

participar da pesquisa. Como era esperado, a maioria deles (54%) se encontram na faixa etária de 14 anos, de acordo com o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Idade dos Participantes



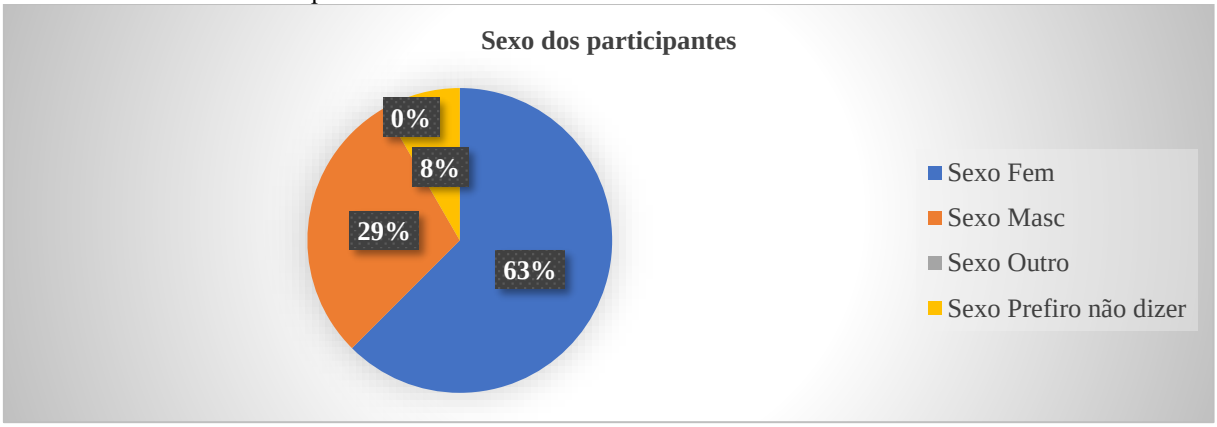
Fonte- Elaborado pelo Autor (2023).

A relação entre a idade e a faixa etária escolar é um aspecto relevante no contexto da educação, com implicações significativas para o desempenho acadêmico e o desenvolvimento socioemocional dos alunos. De acordo com estudos realizados por autores brasileiros, como Araújo (2017) e Lima (2019), a idade dos alunos em relação à série em que estão matriculados pode influenciar diretamente sua adaptação e progresso na escola. O fato de 54% dos participantes de seu estudo estarem dentro da faixa etária esperada para o 9º ano do ensino fundamental é um indicativo positivo de que a maioria dos alunos está seguindo um percurso acadêmico alinhado com suas idades, o que pode contribuir para uma experiência escolar mais adequada.

Por outro lado, os 46% dos participantes que podem estar fora da faixa etária esperada levantam questões importantes sobre o sistema educacional brasileiro. Autores como Alves (2018) e Santos (2020) destacam que a repetência e a distorção idade-série podem ser indicativos de problemas estruturais na educação, como a defasagem de aprendizado e a falta de políticas eficazes de combate ao abandono escolar. É fundamental considerar medidas de apoio educacional, como reforço escolar e programas de recuperação, para auxiliar os alunos que estejam em situações de desalinhamento idade-série, garantindo que eles tenham oportunidades igualitárias de sucesso acadêmico. Portanto, a análise desse dado inicial sugere a importância de políticas educacionais que busquem alinhar a idade dos alunos com sua série escolar, ao mesmo tempo em que ofereçam suporte aos que estão em situação de distorção idade-série.

No que concerne ao sexo dos participantes, 15 deles (63%) se identificaram como sendo do sexo feminino, como demonstrado no gráfico que segue:

Gráfico 2 – Sexo dos Participantes



Fonte- Elaborado pelo Autor (2023).

A constatação de que 63% dos participantes do estudo são adolescentes do sexo feminino destaca um importante dado demográfico que merece atenção especial, especialmente quando consideramos os achados do estudo de Bahls (2002), que indicam que as meninas têm uma probabilidade 2% maior de apresentarem quadros depressivos em comparação com os meninos. Essa descoberta ressalta a vulnerabilidade das adolescentes a problemas de saúde mental, incluindo a depressão. No contexto escolar, onde adolescentes passam grande parte do seu tempo, a saúde emocional e o bem-estar são influenciados de forma significativa. Se o ambiente escolar não for saudável socioemocionalmente, as adolescentes do sexo feminino podem enfrentar desafios adicionais.

Além disso, um estudo de Souza e Santos (2018) também destaca a relevância da saúde emocional das adolescentes no ambiente escolar brasileiro. A pesquisa evidencia que a falta de suporte emocional e programas de educação socioemocional nas escolas pode impactar negativamente a autoestima e a resiliência das adolescentes, aumentando a vulnerabilidade à depressão.

A pressão social, as altas expectativas acadêmicas e a exposição a padrões de beleza irrealistas podem intensificar esse quadro, tornando fundamental que as escolas reconheçam a importância de criar um ambiente que promova a saúde mental e emocional das adolescentes, oferecendo recursos e apoio emocional adequados para todas. Dessa forma, é possível reduzir o risco de depressão e promover o bem-estar geral das adolescentes no contexto escolar.

A partir das respostas referentes às cinco primeiras perguntas presentes no questionário, foi possível identificarmos onde, numa escala de qualidade de vida no ambiente escolar, esses alunos se encontram. Os resultados são apresentados no gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Qualidade de Vida no Ambiente Escolar

Fonte- Elaborado pelo Autor (2023).

A análise dos dados revela que a maioria dos estudantes se encontra nos intervalos de Média qualidade e Boa qualidade em relação à sua qualidade de vida no ambiente escolar, com 50% classificados como Boa qualidade e 37,5% como Média qualidade. Isso indica que uma parcela considerável dos alunos possui uma percepção positiva de sua experiência na escola, o que pode estar relacionado a fatores como um ambiente escolar acolhedor, relações interpessoais saudáveis e suporte emocional.

Essa percepção positiva da qualidade de vida no ambiente escolar está alinhada com os pressupostos de Koller e Barros (2020), que destacam que a exposição constante a conteúdos nas redes sociais pode levar a comparações sociais prejudiciais e ansiedade. Nesse contexto, os resultados sugerem que, apesar da influência das redes sociais, muitos alunos estão encontrando na escola um ambiente que contribui para sua qualidade de vida.

No entanto, é importante observar que 8,33% dos participantes estão no intervalo de Alta qualidade e 4,17% no intervalo de Baixa qualidade. Isso indica que há estudantes que estão vivenciando experiências excepcionalmente positivas na escola, assim como aqueles que estão enfrentando desafios significativos em relação à sua qualidade de vida no ambiente escolar.

Esses resultados estão de acordo com as descobertas de Ferreira (2018), que apontam que a exposição constante a padrões de beleza irrealistas e à cultura de compartilhamento nas mídias sociais pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos alimentares, ansiedade e depressão entre os jovens. Portanto, é crucial que as escolas e os profissionais de educação considerem essas diferenças individuais na percepção da qualidade de vida dos alunos e adotem estratégias para promover um ambiente escolar mais saudável e inclusivo, focando no apoio emocional e no bem-estar de todos os estudantes.

Continuando a análise dos dados, os resultados apontam para uma distribuição relativamente equilibrada entre os intervalos de Média e Boa qualidade de vida no ambiente

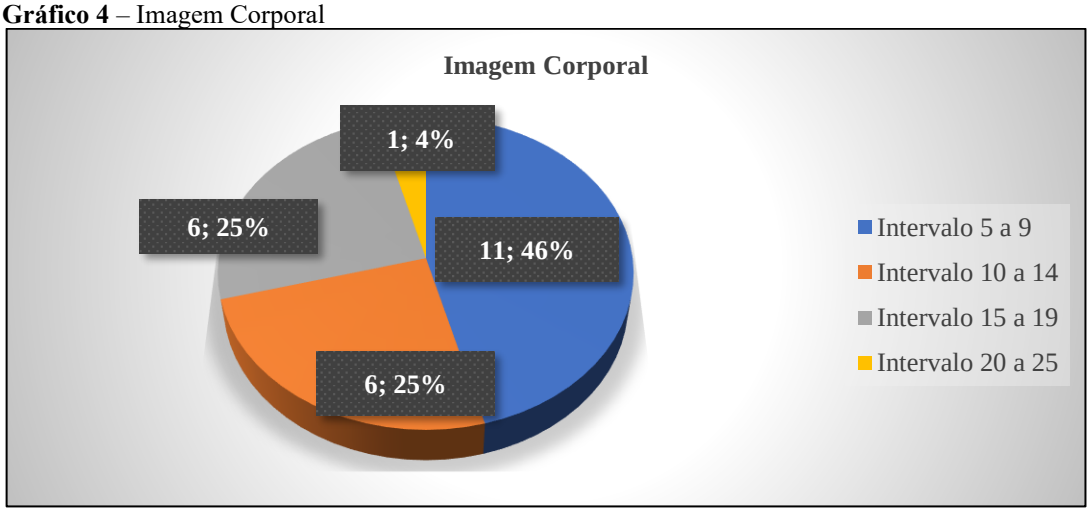
escolar, representando juntos 87,5% dos participantes. Esse panorama pode sugerir que a maioria dos alunos percebe a escola como um lugar onde suas necessidades sociais e emocionais estão sendo atendidas de forma satisfatória. Essa percepção positiva é congruente com as conclusões de Costa *et al* (2018), que destacam a importância do contexto escolar no desenvolvimento emocional dos adolescentes, especialmente durante uma fase da vida marcada por intensas mudanças hormonais e emocionais.

Por outro lado, a presença de estudantes no intervalo de Baixa qualidade (4,17%) indica que há um grupo minoritário que relata experiências desafiadoras na escola. Esse dado corrobora com as descobertas de Leme (2019), Gouveia *et al* (2018) e Prado (2021), que enfatizam que o contexto social da escola, incluindo a interação com colegas e professores, pode ter um impacto substancial na forma como os adolescentes percebem seus corpos e, por extensão, em sua saúde mental e bem-estar. Esses resultados destacam a necessidade de abordagens mais personalizadas e intervenções direcionadas para apoiar os alunos que podem estar enfrentando dificuldades específicas em relação à qualidade de vida no ambiente escolar.

Além disso, é importante considerar que a análise desses dados pode ser enriquecida por uma abordagem qualitativa que permita aos alunos compartilhar suas experiências e percepções de maneira mais detalhada. Isso poderia fornecer informações adicionais sobre os fatores que contribuem para a percepção de qualidade de vida no ambiente escolar, bem como identificar áreas específicas que podem requerer atenção e melhorias por parte da escola, como sugerido por Santos *et al* (2020) em seu estudo sobre a percepção dos adolescentes em relação ao ambiente escolar.

Ainda, no que concerne à percepção dos participantes quanto à imagem corporal que eles têm de si mesmos, a maioria deles afirmou estar satisfeita (46%), demonstrado no gráfico 4:

Gráfico 4 – Imagem Corporal



Fonte- Elaborado pelo Autor (2023).

A análise da percepção dos participantes em relação à imagem corporal revelou uma variedade de respostas, com 46% dos adolescentes relatando estar satisfeitos com sua imagem corporal. Esse resultado é congruente com as descobertas de Dell'Aglio e Hutz (2004), que destacam que a adolescência é um período em que a imagem corporal pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo a aceitação de si mesmo. No entanto, também é importante observar que 54% dos participantes relataram algum nível de insatisfação com sua imagem corporal, sendo 25% com insatisfação leve e 25% com insatisfação moderada.

Esses achados corroboram com as pesquisas de Ribeiro *et al.* (2007) e Leme (2019), que enfatizam que a influência do contexto social, especialmente a interação com colegas e a exposição a normas culturais, desempenha um papel fundamental na construção da imagem corporal dos adolescentes.

Gouveia *et al.* (2018) e Prado (2021) também contribuem para a compreensão desses resultados, ressaltando que o contexto escolar desempenha um papel significativo na forma como os adolescentes percebem seus corpos. A exposição a ideais de beleza veiculados pela mídia e as interações com colegas podem influenciar diretamente a autopercepção corporal dos adolescentes, o que pode explicar a presença de níveis variados de insatisfação.

Os estudos de Silva *et al.* (2020) e Oliveira *et al.* (2018) examinaram a relação entre a percepção do peso e a imagem corporal em adolescentes brasileiros. Os resultados sugeriram que a insatisfação com a imagem corporal estava associada a níveis mais baixos de autoestima, destacando a importância de intervenções que promovam uma imagem corporal positiva entre os jovens.

McCabe *et al.* (2001) investigaram a relação entre a percepção do peso corporal e o bem-estar psicológico em adolescentes. Seus achados sugeriram que os adolescentes que se percebiam como acima do peso, independentemente do seu IMC real, tinham maior probabilidade de relatar baixa autoestima, sintomas de depressão e comportamentos alimentares desordenados. Essas descobertas apontam para a complexidade das relações entre insatisfação com a imagem corporal e saúde mental.

Fernandes (2019) e Prichard (2018) também abordaram como o contraste entre as imagens corporais idealizadas nas redes sociais e a realidade dos adolescentes pode impactar negativamente sua imagem corporal, levando a distúrbios alimentares e depressão. Lemes *et al* (2018) complementam essa discussão, destacando a importância de programas de promoção da imagem corporal positiva e da autoaceitação entre os adolescentes.

Esses resultados sugerem que a percepção da imagem corporal entre adolescentes é influenciada por uma interação complexa de fatores sociais, culturais e individuais. Portanto,

abordagens que promovam uma imagem corporal positiva e o desenvolvimento de habilidades emocionais são fundamentais para apoiar o bem-estar dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados evidencia que a maioria dos estudantes apresenta uma percepção positiva de sua qualidade de vida no ambiente escolar, com a maioria classificada nos intervalos de Média qualidade e Boa qualidade. Essa percepção positiva reflete a importância de um ambiente escolar acolhedor, relações interpessoais saudáveis e suporte emocional, como destacado por Koller e Barros (2020). Mesmo diante da influência das redes sociais, a escola continua desempenhando um papel fundamental no bem-estar dos alunos.

No entanto, é relevante observar que um pequeno grupo de estudantes experimenta níveis excepcionalmente altos ou baixos de qualidade de vida na escola. Essa diversidade de experiências está em linha com as descobertas de Ferreira (2018), que indicam que a exposição constante a padrões de beleza nas mídias sociais pode afetar o bem-estar dos jovens. Portanto, as escolas devem adotar estratégias inclusivas que considerem as diferenças individuais na percepção da qualidade de vida dos alunos, promovendo um ambiente mais saudável e acolhedor.

A análise revela que a maioria dos alunos percebe a escola como um lugar onde suas necessidades sociais e emocionais são atendidas satisfatoriamente, refletindo a importância do contexto escolar no desenvolvimento emocional dos adolescentes, como destacado por Costa *et al* (2018). Por outro lado, a presença de estudantes no intervalo de Baixa qualidade indica que há desafios a serem enfrentados, corroborando com estudos anteriores que enfatizam a influência do contexto social da escola na saúde mental dos adolescentes, como apontado por Leme (2019), Gouveia *et al* (2018) e Prado (2021).

Além disso, considerando a complexidade dessas questões, a complementação da análise quantitativa com uma abordagem qualitativa, conforme sugerido por Santos *et al* (2020), pode fornecer insights valiosos sobre os fatores que influenciam a percepção da qualidade de vida no ambiente escolar e identificar áreas específicas que exigem atenção e melhorias por parte da escola. Essa abordagem mais abrangente e personalizada pode contribuir significativamente para o bem-estar de todos os estudantes, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e saudável.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. Repetência escolar no Brasil: Reflexões sobre políticas públicas e impactos na qualidade da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230067, 2018.

Araújo, P. S. A relação entre idade e série na escola: implicações para a progressão escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22(71), p. 79-98, 2017.

BAHLS, S. C. Epidemiology of depressive symptoms in adolescentes of a public school in Curitiba, Brazil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, p. 63-67, 2002.

COOPER, P.J.; *et al*. The development and validation of the Body Shape Questionnaire. **Int J Eating Disorder**, v. 6, p. 485-494, 1987.

CORDÁS, T.A.; CASTILHO, S. Imagem corporal nos transtornos alimentares – instrumento de avaliação: "Body Shape Questionnaire". **Psiquiatria Biológica**, v. 2, p. 17-21, 1994.

COSTA, A. G.; *et al*. (2018). A importância do contexto escolar no desenvolvimento emocional de adolescentes: uma revisão da literatura. Psico-USF, 23(2), 363-372.

CRESWELL, J. W. Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. **Sage Publications**, 2014.

DELL'AGLIO, D. D.; HUTZ, C. S. Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17(3), p.341-350, 2004.

DEVELLIS, R. F. Scale development: Theory and applications. **Sage Publications**, 2017.

DILLMAN, D. A.; *et al*. Internet, phone, mail, and mixed-mode surveys: The tailored design method. **John Wiley & Sons**, 2014.

FERNANDES, K**. Impacto das mídias sociais sobre a insatisfação corporal e risco de transtornos alimentares e depressão em estudantes da universidade federal de ouro preto**. 2019. Monografia (Bacharelado em nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

FERREIRA, T. B. S.; *et al*. Relações afetivo-sexuais na adolescência: um estudo com adolescentes brasileiros. **Estudos de Psicologia**, v. 25(1), p. 47-58, 2020.

FERREIRA, V. R. **O impacto das redes sociais na saúde mental de adolescentes**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2018

FOWLER JR., F. J. Survey research methods. **Sage Publications**, 2013.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. **Atlas**, 2008.

GOUVEIA, R. S. V. **Engajamento escolar e depressão: um estudo correlacional com crianças e adolescentes**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GOUVEIA, V. V.; *et al*. Amigos, escola e família: a percepção dos adolescentes brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018.

GOUVEIA, V. V.; *et al*. Relações interpessoais na adolescência: influências do ambiente escolar e da convivência com pares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018.

HAIR JR.; *et al*. Essentials of business research methods. **Routledge**, 2019.

KOLLER, S. H.; BARROS, M. A. Saúde mental de adolescentes: desafios, riscos e prevenção. **Psicologia em Estudo**, v. 25(3), p. 555-566, 2020.

LEME, V. B. **A influência das interações sociais na formação da identidade de adolescentes: um estudo no contexto escolar**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

LEME, V. B. **A influência das redes sociais na formação da identidade de adolescentes: uma análise a partir do Instagram**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LEMES, D. C. M; *et al*. Body image satisfaction and subjective wellbeing among ninth-grade students attending state school in Canoas, Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23(12), p. 4289-4298, 2018.

LIMA, R. A. Idade, série e adaptação escolar: Um estudo sobre a relação entre faixa etária e desempenho acadêmico. **Educação em Revista**, v. 35, p. e216801, 2019.

LIMA, V. V.; *et al*. Desenvolvimento cognitivo e suas implicações no comportamento do adolescente. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.

LOPES, C. S.; FERNANDES, R. A. Mudanças fisiológicas e crescimento na adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 93(2), p. S12-S22, 2017.

MCCABE, M. P.; et al. Body image, strategies to change muscles and weight, and puberty. **Eating Behaviors**, v. 2, n. 2, p. 129–149, jun. 2001. DOI: https://doi.org/10.1016/S1471-0153(01)00025-3.

MOITA, F.; QUEIROZ, C. As tendências pedagógicas e seus pressupostos. **UEPB/UFRN**, Campina Grande; Natal, 2007.

MURILLO, J. F. Eficiência das escolas: o que é, como se mede e como se avalia. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 21(1), p. 115-126, 2005.

NEUMAN, W. L. Social research methods: Qualitative and quantitative approaches. **Pearson**, 2014.

NEUMARK-SZTAINER, D. et al. Dieting and Disordered Eating Behaviors from Adolescence to Young Adulthood: Findings from a 10-Year Longitudinal Study. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 111, n. 7, p. 1004–1011, jul. 2011. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jada.2011.04.012.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Infor-Inovação e Formação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2016.

NÓBREGA, P. B. S.; CORREIA, D. M. N. Uso dos temas transversais no ensino de ciências multisseriado. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-25, 2021.

OLIVEIRA, A. J.; *et al*. Influência dos pares e mídia na autopercepção do peso em adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, 2018.

PEREIRA, G. B.; CARVALHO, L. M. Educação e competências socioemocionais: um estudo sobre estratégias de intervenção nas escolas. **Educação em Revista**, v. 35, p. e216801, 2019.

PRADO, S. M. Adolescência e ambiente escolar: influências na construção da autopercepção corporal. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021.

PRADO, S. M. (2021). Adolescência e tecnologia: desafios da convivência. Revista Brasileira de Enfermagem, 74(1), e20200776.

PRICHARD, I., *et al.* The impact of different forms of #fitspiration imagery on body image, mood, and self-objectification among young women. **Sex Roles**, Berlin, v. 78, p. 789–798, 2018. https://doi.org/10.1007/s11199-017-0830-3.

RAMOS, M. D.; ASSIS, S. G. Crescimento e desenvolvimento na adolescência: características e diagnóstico. **Adolescência e Saúde**, v. 16(3), p. 87-95, 2019.

RIBEIRO, K. C. S.; et al. Representações sociais da depressão no contexto escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17(38), p. 417-430, 2007.

SANTOS, D. M.; *et al*. Obesidade em adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática de estudos observacionais. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 37(4), p. 460-466, 2019.

SANTOS, J. C. Distorção idade-série e abandono escolar: Desafios para a qualidade da educação básica no Brasil. **Educação em Revista**, v. 36, p. e246022, 2020.

SILVA, A. R.; *et al*. Percepção de peso, imagem corporal e autoestima de adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2020.

SOUZA, M. A.; SANTOS, A. P. Saúde emocional de adolescentes: O papel das escolas na promoção do bem-estar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22(2), p. 253-262, 2018.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. *In*: I Encontro de pesquisa em educação. **Arq. Mudi. Periódicos**, Maringá, 2007. Disponível em: http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/aqrmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.df. Acessado em: jul. 2022.

STEINBERG, L. Cognitive and affective development in adolescence. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 9(2), p. 69-74, 2005.

STEINER, R. Teosofia. **Antroposófica**, São Paulo, ed. 7, 2004.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário adaptado do WHOQOL-BREF e o Body Shape Questionnaire.

Qualidade de vida		Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1.	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
2.	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
3.	Como você avaliaria sua qualidade de vida na escola?	1	2	3	4	5
4.	Quanto você acha que sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
5.	Quão satisfeito(a) você está com suas relações com a comunidade escolar?	1	2	3	4	5
Imagem corporal		Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6.	Já se sentiu tão mal quanto à forma do seu corpo que chorou?	1	2	3	4	5
7.	Já se imaginou cortando fora regiões do seu corpo?	1	2	3	4	5
8.	Já sentiu vergonha da forma do seu corpo dentro da escola?	1	2	3	4	5
9.	Já se sentiu inseguro com a forma do seu corpo quando na escola?	1	2	3	4	5
10.	Já se sentiu acima do peso após ver seu reflexo (no espelho, por exemplo)?	1	2	3	4	5

Apêndice B – Termo de assentimento livre e esclarecido.

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Olá!

Gostaria de te convidar para participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada “Impactos da autocrítica sobre o corpo e o estado socioemocional em alunos do 9º ano da educação básica em uma escola pública do município de Capela, SE”. Meu nome é Ronniere José Santos Silva, sou o aluno responsável pela pesquisa apresentada. Vou contar um pouquinho sobre essa pesquisa. Se você aceitar fazer parte, assine ao final deste documento, que precisa ser impresso em duas vias: uma delas é sua e a outra ficará comigo. Se você não quiser participar entendo e respeito sua decisão. Nada vai lhe acontecer. Se topar participar, qualquer dúvida que você tiver agora ou depois, poderá perguntar nesse e-mail ronni_ufs@hotmail.com, ou enviar mensagem para o número de telefone/whatsapp: (79) 99850-5873. Se mesmo depois de me procurar ainda ficar alguma dúvida, você pode falar com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe por meio do telefone (79) 3194-7208.

1. Informações importantes sobre a Pesquisa: O título dessa pesquisa é “Impactos da autocrítica sobre o corpo e o estado socioemocional em alunos do 8º ano da educação básica em uma escola pública do município de Capela, SE”. Comecei a pensar nessa pesquisa devido ao aumento dos casos de depressão relacionada a insatisfação com o próprio corpo em jovens entrando na adolescência e como eles se sentem na escola estando em contato com outras pessoas. Queremos construir algumas perguntas sobre os cuidados que devem ser tomados e como essas pessoas se sentem no ambiente escolar. Se vocês participarem da pesquisa, poderão ajudar a pensar em saídas para ajudarmos a salvar pessoas e promover maior qualidade de vida. Lembro que você responderá apenas um questionário e que isso levará entre 7 e 15 minutinhos. Você não vai pagar nada participando da pesquisa e não irei dizer a ninguém quem foram as pessoas que responderam às perguntas. A única coisa que iremos fazer é, depois de estudarmos direitinho todas as respostas, publicar alguns gráficos e tabelas com os resultados, do mesmo jeito que você vê nos jornais quando mostram as porcentagens, lembra? Mais uma coisa importante: você tem todo o direito de dizer que não quer participar ou, se de repente depois você se arrepender de ter preenchido, pode dizer a qualquer momento que não quer mais que a eu use suas respostas na pesquisa. Não tem problema nenhum! Você quiser responder apenas algumas questões e outras não, também está ok. Por exemplo, se alguma delas te deixar com vergonha, não precisa responder. Basta pular para a próxima. Ainda é direito seu pedir indenização da gente se você tiver algum problema ou prejuízo (dano) por ter participado da pesquisa. Isso é garantido por lei, caso esse problema ou prejuízo não esteja aparecendo aqui nesse termo. O questionário vai ficar guardadinho comigo, em segredo, e qualquer outra pesquisa que fizermos usando essas respostas, vamos pedir a autorização ao Comitê de Ética da UFS ou do CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa).

2. Consentimento da Participação da Pessoa como Participante da Pesquisa:

Eu, ..., inscrita(o) sob o RG/CPF/nº de prontuário/nº de matrícula ....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Impactos da autocrítica sobre o corpo e o estado socioemocional em alunos do 8º ano da educação básica em uma escola pública do município de Capela, SE”. Declaro ter mais de 18 anos, ou caso não tenha, que meus pais estão cientes e assinam o Termo de Consentimento, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informada(o) e esclarecida(o), pelo pesquisador responsável Ronniere José Santos Silva, sobre a pesquisa, procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que

isso leve qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Capela – SE, ... de ..... de 2023.

Assinatura por extenso da(o) participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE C – TABULAÇÃO DOS DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO.

Aluno	Idade	Sexo	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5	Pergunta 6	Pergunta 7	Pergunta 8	Pergunta 9	Pergunta 10	FPQDV (1 a 5)	FPIC (6 a 10)
1	14	FEM	5	5	4	5	4	1	1	1	1	1	23	5
2	14	FEM	2	2	3	2	3	2	3	3	3	5	12	16
3	15	FEM	3	4	3	2	4	3	1	3	3	2	16	12
4	15	FEM	3	3	2	2	2	3	1	5	5	2	12	16
5	15	FEM	2	3	3	2	3	4	3	4	4	4	13	19
6	14	FEM	5	3	4	5	2	3	1	5	4	4	19	17
7	14	FEM	4	4	4	3	3	2	3	1	2	3	18	11
8	13	FEM	4	4	3	4	4	2	3	2	2	4	19	13
9	14	MASC	4	5	2	4	2	1	1	3	1	1	17	7
10	13	FEM	5	3	5	4	5	1	1	1	1	3	22	7
11	Não Informado	PREFIRO NÃO DIZER	1	1	3	5	1	1	1	3	1	1	11	7
12	Não Informado	MASC	3	3	4	5	4	2	1	3	2	1	19	9
13	14	MASC	1	1	3	1	2	1	3	1	1	1	8	7
14	Não Informado	MASC	4	1	3	5	3	1	1	1	1	1	16	5
15	Não Informado	FEM	2	1	4	3	4	5	1	5	2	2	14	15
16	Não Informado	FEM	2	1	4	3	4	5	1	5	2	2	14	15
17	14	MASC	4	4	4		4	1	1	1	1	1	16	5
18	14	MASC	3	3	3	5	2	3	1		2	4	16	10
19	16	FEM	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	10	5
20	14	FEM	5	2	3	5	2	1	2	1	1	1	17	6
21	14	PREFIRO NÃO DIZER	3	3	2	4	2	2	1	4	5	1	14	13

22	14	FEM	3	3	3	4	3	1	1	4	4	3	16	13
23	14	FEM	2	2	3	3	2	5	5	5	5	5	12	25
24	14	MASC	3	4	3	4	4	1	1	2	1	1	18	6

Tabela 1 - Tabulação dos dados coletados